

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso

Travessias pelo corpo em um grupo de acompanhamento
para crianças pequenas em situação de acolhimento

Thaís Espindola de Jesus
Porto Alegre
2019

Thaís Espindola de Jesus

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao Curso
de Graduação em
Psicologia - Habilitação
Psicóloga - do Instituto
Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito parcial
à obtenção do grau.

Orientadora: Rita de Cássia Sobreira Lopes

Comentadora: Marcia Giovana Pedruzzi Reis

Porto Alegre, novembro de 2019.

Resumo

O presente trabalho se propõe a contar sobre o percurso de uma terapeuta em formação no trabalho com grupos de crianças pequenas em situação de acolhimento institucional. Trata-se de um trabalho em que o brincar ocupa lugar central, num espaço intermediário criativo entre a terapeuta e as crianças, facilitador da expressão livre e autêntica das mesmas. Embasado na teoria psicanalítica, serão utilizadas narrativas para contar as travessias feitas em conjunto com as crianças pelo brincar, pelo corpo e pela constituição simbólica. Os desafios desse trabalho para a terapeuta são discutidos, tanto do ponto de vista da técnica, como da experiência transformadora para a terapeuta do contato com níveis primitivos de comunicação, com o não saber, que exigem uma disponibilidade e trabalho psíquico no corpo para a escuta de vivências muito primitivas, anteriores à palavra.

Palavras-chave: infância, corpo, acolhimento institucional, grupo, psicanálise

Sumário:

1. Início - mas já não começou?.....	13
2. Apresentar.....	17
2.1. Olhar.....	19
2.2. Desejar.....	36
2.3. Acolher.....	48
2.4. Abrir.....	63
2.5. Criar.....	75
2.6. Elaborar.....	88
3. Costurar.....	93
4. Referências.....	117

Agradecimentos:

Agradeço a oportunidade de poder realizar um trabalho que faz sentido para mim. Os encontros que tive ao longo da minha travessia por esse mundão são o que me possibilitam ser, sentir e escrever. À todos, muito obrigada!

Aos meus pais, Márcia e Silvio por sempre acreditarem nos meus sonhos e me permitirem vivê-los, amparada. Vocês me ensinaram a voar. Às minhas tias, avó e outros familiares que me cuidaram enquanto meus pais trabalhavam e por serem minha rede de apoio durante todo o tempo, sustentada. Agradeço também a minha mãedrastra, Nice, pelo cuidado, carinho, preocupação e empatia ao longo desse processo de formação e de vida.

Toda a gratidão por cada professora/professor que atravessou o meu caminho e me inspirou para aprender. Para conhecer. Apostaram no nosso futuro e é graças a vocês que estou aqui. Agradeço aqui

também as pessoas que lutaram para que outras pudessem entrar nesse espaço. Hoje estou ocupando uma universidade pública gratuita e de qualidade.

Cada encontro lindo que tive nesse caminho!

Às minhas amigas incríveis que me acolheram desde o primeiro momento que entrei na sala em uma quarta feira à tarde. Marjorie, Shay, Pietra, Lu, Carol, Meiri, Giulia e Sophia, obrigada, amo cada uma de vocês!

Aos queridíssimos professores de pesquisa, Piccinini e Rita que me receberam no grupo e me permitiram criar e abrir espaços, perguntas, caminhos. Aos colegas de grupo de pesquisa que atravessaram essa minha jornada de pesquisa nesses anos, gratidão, em especial a Amanda, que iniciou, ensinou, estimulou e permitiu. Obrigada!

Uma das travessias mais lindas que fiz e que me permitem escrever hoje foi a Clínica da UFRGS. Espaço que possibilita o atendimento de qualidade a

população de Porto Alegre. Aos meus pacientes e supervisores, agradeço. Em especial, ao José e a Márcia que inspiram essa terapeuta em formação a escutar com ética e cuidado. Lari Ramos, Lari Moraes, Amandinha, Thaís, Rafa e todas as mulheres incríveis que tenho a honra de conviver, um grande oshi para vocês. Obrigada por cada troca e acolhimento.

Para essa história existir foi fundamental a experiência no acolhimento institucional. Agradeço a minha supervisora Mônica e minhas colegas de trabalho, mulheres incríveis e que me ensinam a cada dia! Um agradecimento especial a Janaína, por me inspirar a escrever e continuar um trabalho lindo e a Carol e Geórgia, por toparem entrar nessa aventura junto comigo. Crianças, obrigada pela confiança, sem vocês o trabalho não existiria. Gratidão e **muito** carinho!

Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez
Não é pedir demais
Quero justiça
Quero trabalhar em paz
Não é muito o que lhe peço
Eu quero um trabalho honesto
Em vez de escravidão
Deve haver algum lugar
Onde o mais forte não
Consegue escravizar
Que não tem chance
De onde vem a indiferença
Temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?
O céu já foi azul, mas agora é cinza
O que era verde aqui já não existe mais
Quem me dera acreditar
Que não acontece nada
De tanto brincar com fogo
Que venha o fogo então
Esse ar deixou minha vista cansada
Nada demais

Fábrica - Legião Urbana

1. Início - *mas já não começou?*

A página está em branco, a garganta fecha, falta a saliva, engulo em seco. Encosto os dedos nas teclas, eles paralisam, fecho os olhos, evoco na memória. É outono, o vento do início da manhã arrepia o corpo, fecho mais o casaco. Enquanto caminho, vejo a poeira lentamente levantando, grudando na bota, os passos ecoam, marcam a chegada e presença. Ouço a vaca mugir e olho o retrato de uma vida campesina serena.

Aqui o tempo é diferente, os sons e silêncios são tão outros, uma espécie de solidão em meio à imensidão. O pássaro que sobrevoa o céu azul e pousa na grama verde, verde musgo, molhado, mas em outros dias é seco. Os cheiros invadem os sentidos, de mato, de bicho, de planta, de terra, um cheiro vivo.

Ao descer do ônibus parece que estou em outro mundo. Onde há uma urgência outra, constante ao

mesmo tempo em que a espera faz morada. Morar, pertencer a um lugar, não é o que todos queremos?

Eu trabalho em algumas casas, mas não estou nelas na maior parte do tempo, só as acompanho, ao contrário das crianças que moram aqui, mas estão de passagem. Casa de passagem que tudo passa, pessoas, cuidadores, afeto, história, vida. O que permanece é a marca do abandono: na fala, no escrito, na memória.

Respiro fundo e sigo na estrada, pois há muito trabalho a fazer, burocrático e psíquico - para lidar com o desamparo cotidiano. O abrigo é um ambiente acolhe(dor), mas é que a dor às vezes é tanta que transborda pelos olhos e faltam palavras. Falta, pedaço, buraco, tropeço. Algo que já se foi, mas permanece. Pertencer a um espaço temporário que pode durar uma vida.

E como uma criança pequena comunica sua dor? A teoria cheia de livros e artigos científicos diz que a brincadeira é um dos melhores recursos para as crianças.

Mas uma pergunta se faz presente na minha mente: E quando as necessidades iniciais são tão grandes e mais primitivas que o corpo paralisa?

O silêncio daqui da estrada é tão contrastante com o movimento da casa, crianças e adolescentes de diferentes idades, entradas e saídas para atividades. Respiro fundo e abro os cadeados, subo para a sala técnica, posto elevado. Adentro a sala da psicologia, com vários brinquedos, cores, formas. Tento organizar um ambiente acolhedor para brincar. Espero. Aqui, o tempo é outro. Abro a porta/portão/prisão, vejo um olhar perdido. O cuidador volta para casa, e a criança fica na masmorra, presa por uma porta de ferro, perdida. Eu? Também, o choro vem e se acumula no canto do olho. Já o menino abre os pulmões e se joga, cai. A mão que procura o seio materno, o aconchegar no colo procurando consolo, tentando procurar algo que já não está mais ali. Sensação de que vou despencar, despedaçar. Olho e sinto, sinto

muito por ele, por mim, por tantos outros que passaram,
passarão e permanecerão.

2.Apresentar

A narrativa é composta de palavras, emoções. É operação. Ato. Do que se viveu, do que se vive. Da vivência, da experiência, do conhecimento, da técnica. Do ser. E eu quem sou?

Sou como as estrelas que brilham, como a água dos rios que sempre se renova. Passa. Voa. Sou também um pouco do vento que sopra e do som que faz ao passear e dançar com as folhas. Sou composta de sol, terra, lua e um pouco de fogo. Sou palavra, canção e às vezes poeta.

Nesse momento, sou espectadora e narradora de histórias. E a história de hoje é sobre acolhimento. O institucional, o físico e o psíquico. Também é sobre infância, sobre brincar e estar. E junto com isso, também a trajetória de uma terapeuta em formação.

Os protagonistas de hoje são três crianças pequenas com idade em torno de dois anos e meio, duas

crianças brancas e uma negra. E eu? Terapeuta branca, mulher, acompanho. História nossa. Composta.

2.1 Olhar

Três crianças pequenas em três casas diferentes: Aisha, Gil e Tales. Os dois meninos já estavam na estimulação precoce, acostumados a um espaço seu. Aisha estava em um lugar diferente, não falava muito e segundo seus cuidadores, pouco brincava. Sua atividade diária consistia em seguir os educadores aonde quer que fossem. Quando iam, chorava, estendia os braços e segurava-se na roupa deles.

Um pedido de amparo constante?

“essa menina só quer colo”

Só? Colo? O que há entre a solidão e a colagem no
outro?

Havia muita preocupação em relação à menina devido a seu histórico familiar: será que ela também teria alguma deficiência? Para evitar maiores preocupações, sugere-se: avaliação. E eu? Acompanho.

Numa manhã fria, aguardo virem nos buscar para irmos. Encaro o relógio. O tempo que conseguimos para Aisha não chega a completar nem um pedaço do ponteiro maior. Um encaixe, pequeno espaço, aposta. Para facilitar a ida até o local, a colocamos antes do horário de Gil, que ia frequentemente e já tinha seu horário. Mas será que vão lembrar também do tempo dela?

Depois de um tempo que pareceu infinitamente maior, a buscamos para ir à escola em que os meninos já faziam seus atendimentos. Os horários eram tão apertados que quase se juntavam. No trajeto, reparo quão pequenina está sentada sozinha no meio de dois adultos e percebo um contraste entre ela e Gil, jogado no colo da educadora, sorrindo para mim.

É bom ter sustentação

Chegando depois, Aisha é deslocada do seu tempo. Colisão. E agora? Divisão.

Escanteada

Com seu breve tempo de protagonista, chega na sala e observa. Parece acuada em um espaço tão grande e direcionado a ela:

Avaliação para estimulação precoce.

A moça tentava convocar a menina a ocupar o espaço. Ela olha para o educador, olha para mim. Olhar, um verbo que cabe tanto em si, para além do que os olhos veem. Onde Aisha está quando nos olha? O que ela nos comunica com seu corpo? A convocamos constantemente pela palavra, mas o que nosso corpo responde?

Logo, Gil adentra sorridente o ambiente e explora junto com a sua educadora esse espaço que já é seu. Ele tem os brinquedos preferidos e não pede licença para usar. Nesse dia, se encantou pelo cavalinho, um brinquedo de sentar e balançar. O menino tem dificuldades de subir, pede auxílio e sorri ante a aproximação da sua cuidadora. Após se embalar por um tempo com o objeto, transforma o corpo de Margarida para acolhê-lo. Fazendo sua própria música,

aconchega-se no colo. Passarinho constrói um ninho. No canto, como uma mariposa deslumbrada com a luz, Aisha observa.

Ela, por sua vez, recolhe todos os brinquedos que vai achando pela sala e segura-os junto ao seu corpo. Como se eles fossem capazes de fazer parte dela. Estica todo o tronco para a mão alcançar um brinquedo no tatame, mas tomando cuidado para nunca o pisar. Era um tapete infantil, cheio de desenhos e bichos coloridos. Também era confortável e dava para se rolar de tanto brincar. É convidada para entrar várias vezes pelos presentes no ambiente, mas se afasta. Senta em uma cadeira pequena

Que alívio, parece que agora ela vai relaxar

Após um minuto, levanta e guarda a cadeira no local em que estava anteriormente. Vai para o outro lado da sala, mais afastado e com outra cadeira senta novamente. Logo, a guarda. E assim, nessa dança de esconde-esconde das cadeiras circula pela sala. Parece

buscar algum espaço que é seu. Que não está dado a priori, que tem que construir.

Como ela, eu fico inquieta também. Todos pareciam muito desconfortáveis com o desconforto da pequena.

“Ela não fala?”

Tentamos de várias formas a chamar para perto. Ela consegue nos pedir com o olhar um brinquedo que não estava ao alcance e tão logo ouve a voz de alguém a questionando, desiste e se retira. Nos olhamos. Aisha retorna a pegar objetos da sala até eles caírem dos seus braços.

Quem segura a menina?

Um barulho como de uma árvore rachando no meio irrompe na sala e ela se assusta. Tenta juntar os pedaços, mas são muitos. Só sossega quando coloca tudo no local onde no início estava. Chega ao fim.

No final da avaliação, Gil se desespera quando a educadora dá dois passos para a frente sem ele. Um choro

forte e profundo. Recebe uma mão, um toque leve que conduz. Mas a angústia transborda, o ar falta.

Desespero

Na falta de algo a mais que o acalme, chupa o seu dedo bem forte, tentando controlar sua respiração. Saio de lá e Aisha me dá a mão, juntas vamos embora. Olho para trás e vejo Gil, triste, com os olhos cheios de água, quieto do lado de Margarida. Todo mundo foi embora.

A manhã foi intensa, eu ouvi demais naquele espaço com eles. Angústia, desespero, vontade. Falta conexão, palavras que encaixem, linhas que costurem, abrindo brechas no tecido ao mesmo tempo que vão criando nós e laços. Potência de criação.

Apostando nessa escuta e espaço, convoquei minhas colegas a sentirem também. Sensibilizadas, idealizamos um espaço de expressão e de criação. Onde pudessem simplesmente ser, brincar, inventar, descansar. Ar. Ir.

Acompanhamento

Um espaço deles e nosso, meu e agora também,
um pouco seu.

[espaço]

Os ponteiros do relógio andam, correm, corroem. Verbos presentes indicam movimento, enquanto o cenário permanece o mesmo. Enquanto anseio, organizo, abro espaço, também em mim, para eles. O grupo começa depois do meu esperado. Finalmente chegam, três crianças, três educadoras, três terapeutas. Gil abre alas e sozinho senta-se no tapete mágico e já sai voando por aí, explorando o que o corpo alcança. Tales e Aisha

olham a cena, recuam e se aproximam fisicamente de suas cuidadoras. Sinto uma solidão.

O que fazer?

Será que começou antes do meu esperado?

Como convocá-los a brincarem sem invadir o espaço deles?

Mas como se apropriar de um espaço que nem se conhece?

Portanto, apresento a sala e a nós. A partir dos seus corpos nos mostram certo desconforto e no olhar uma certa curiosidade. E é a partir desse fio de interesse que tentamos estimulá-los para essa viagem conosco. Verbalizamos o convite às crianças para explorar o espaço. Nos espalhamos na sala para todos caberem, até os espaços vazios. Tales, tímido, agarra a casinha oferecida e aos poucos vai adentrando esse espaço. Senta nas bordas do tatame mágico, uma parte dentro, outra

fora, e aos poucos, vamos chamando o menino para essa viagem.

Cenas simultâneas vão acontecendo ao meu redor e escuto o que se desenrola ao redor e em mim. Olho para as minhas colegas e sorrimos umas para as outras, nos encorajando. Uma das nossas preocupações anteriores é que não tínhamos formação para grupo com crianças pequenas. Nesse espaço que ainda nem é nosso, sinto um desconforto nas educadoras e em mim.

De quem foi a ideia de criar um grupo com três crianças pequenas que pouco falam?

Pouco? Falam!

Com o corpo, com o olhar. Tímido, desconfiado, endereçado. Um entretanto chama a atenção, pois me parece vazio, aparentemente desinteressado. Sua educadora faz tentativas de enlaçá-la em algum objeto, a partir da exibição deles, mas o olhar sem rumo permanece e me angustia.

Recuando para trás até encostar em um corpo, ampara-se encostada nos pés da cuidadora e somente aí afasta o tronco para pegar com a mão uma casinha. Grande, cheia de portas e aberturas. Há uma tentativa de encaixe, mas ele não se dá. Frustrada, com força larga a peça e se dedica em tentar abrir a porta. O local está apertado, cheio, lotado, está cheio de furos, buracos, brechas.

Cadê o manual de instrução?

Eu entro, então. Convoco, convido, a auxílio a abrir a porta da casinha de brinquedo, “Aisha?” [espaço] “Aisha?” [espaço] “Aisha?”. Lembro a mim mesma que o nome significa “a que está viva” e que sim, ela estava ali em algum lugar, nem que escondida atrás de uma árvore, quando a imensidão é tão grande. Onde nada está dado, na qual as estradas nós mesmos temos que criar e há mundos de possibilidades para construir. Há tanta luz que pode queimar a retina. Onde tudo é tanto que

transborda.

Amanhecer, acordar, viver.

No infinitivo.

Depois de eu tanto a chamar, sem olhar, me entrega uma pecinha e continua a sua própria brincadeira. [espaço] Ela começa a me olhar mais vezes nos olhos, mas continua na brincadeira de abrir e fechar porta.

Uma estrela cadente risca o céu, Gil segura um brinquedo na minha frente. Sorri com os olhos e se aproxima devagarinho, como quem não quer nada. Chega bem pertinho e num brincar de encaixe com a casa e corpo, se apoia totalmente em mim.

E agora? Quem mantem em pé essa casa cheia de cor e vida? A peça não encaixa na abertura, pois é fina ou a entrada que é grossa? Tantas pontas e lados, formatos e moldes. Entra somente uma parte, o buraco parece ser pequeno demais, força, se entrega. Junto e entrego a

peça, nos olhamos e juntos, então, abrimos. A pecinha desce.

Com Tales, o objeto não se rende, faz resistência na entrada da porta. Empurra para a mim a peça

“tia”

Eu incentivo

“tenta, pode tentar”

Recebo um olhar e a tentativa dele. Todos os buracos e pedaços que deveriam encaixar, não há. Em um suspiro eu escuto

“não dá”

Devolvo o olhar e juntos amaciamos as peças e finalmente conseguimos encaixar. Com isso o sol põe-se a nascer.

Sobe o volume, vários aplausos, todas comemoram quando Gil conseguiu encaixar o quadradinho na casa. Aisha observa a situação com o mesmo brinquedo na mão que começou o encontro. Bola? Boneca? Casa? Só lembro do desenho do

movimento no ar de ioiô, um fort-da, vai e volta. Pelo menos se espera que volte. Pela palavra tento fazer laço de fita para enfeitar os cachos da menina. Em Aisha, encontro um olhar tão intenso e breve como um relâmpago. Vejo brecha, sorrio e dou espaço.

“vamos brincar de comidinha, já que essas meninas não oferecem nada para vocês”

Um grito vem correndo pela estrada, Gil grita “papa, papa”, e vem trazendo vários objetos com ele. Com a massinha de modelar cria vários pratos. Uma colherada para a boneca, uma para tia e para outra tia e para aquela tia também. Servindo a todas, se satisfazendo.

Era Gil ou era Tales?

Às vezes a memória falha. Talvez uma mistura dos dois. Criamos um faz de conta usando o corpo para

contar a história de banquete. Os meninos imitam, as tias sorriem, eu observo.

Volto meu olhar para Aisha, hipnotizada, observando em um canto. Cruzamos os olhares, sorrio, a cabeça abaixa. O menino alcança uma boneca para a menina que se recusa e vira de costas. Uma trovoadas ecoa na sala, Aisha se assusta e paralisa, para onde correr? O espaço tá tão cheio que nem brecha tem. Como um ônibus lotado onde se um cair, todos caem. Ela se segura sozinha.

Movimentos, malabarismos de corpos, conjunto de cores. Ruídos e vozes, agudos.....silêncio
grave?

Nós terapeutas embarcamos neste mar juntas, seguindo o ritmo e os movimentos a lugares para os quais cada uma vai se sentindo puxada. Naquele encontro entre

mar e a lua no olhar de Aisha, a maré me levou até ela. Eu ganho um brinquedo dela e tento fazer melodia, mas recebo mais um e outro e aquele e o mais distante também, transbordam na minha mão. Ela observa por segundos sua obra de arte e parecendo angustiada, logo pega tudo que me deu para guardar de novo na caixa, tomando até outros brinquedos que não estavam lá anteriormente. Tudo arrumado, me olha. Eu tento fazer poesia, mas ela se vira de costas para mim. [espaço]

Vamos estabelecendo um ritmo, trocando de lugares, sentando um pouco com cada criança conforme as brincadeiras vão surgindo, abrindo e ocupando. Tales parece explorar cada cantinho da sala e quando cansa, senta em sua mesinha para pintar, mas não há espaço. Eu movo então, as garrafas coloridas (que fizemos especialmente para eles) para o lado. O brilho os atrai e os dois meninos se põem a brincar.

“água, água”

Juntos, criamos a chuva colorida e brilhante, a cada virada da garrafa, uma surpresa. Orgulhosos, vão mostrar para as suas educadoras e são recebidos com muita festa. Eu nunca vi uma chuva tão feliz.

Aisha, por sua vez, espera. Quando os meninos se distraem, pega uma para si e coloca na boca, tenta abrir.

“a garrafa não é de tomar água, viu? ela gira e faz chuva”

Com a garrafa na boca nos olha e logo após vira de costas.

Como se fossemos tirar

Protege o que escolhe para si

Já os meninos, após um tempo, voltam-se para os brinquedos de encaixar e abrir, comuns em outros espaços que frequentam. Nos pedem, com as palavras, com o olhar e o corpo para sermos espectadoras de seus movimentos. Aisha também brinca, mas ninguém a vê. Me sento bem pertinho dela e ouço:

“não”

[espaço]

Um primeiro pensamento invadiu minha mente...

Passei dos limites

Mas

Quais são eles?

O alívio adentra a roda, ouvi sua voz e,
respeitando-a, também me expressei, de corpo inteiro.
Não, pequena, não estou indo embora, ainda estou aqui.

2.2 Desejar

Um ritmo cadenciado de desencontros

Para mantermos a existência do grupo precisamos fazer encaixes, abrir espaço. Ato de criação. A fundação é importante, porém um prédio não se mantém em pé sem ser ter sustentação. Pilares de ligação, conexões. Projeto. Divulgação. Cronograma. Transportes. Planejamento.

E cadê o desejo?

A duração da espera me angustia e me faz questionar o que é necessário para fazer marca, para se estabelecer enquanto presença constante, rítmica. Um espaço circunscrito.

Novamente, o grupo começa após o horário estipulado. Como um jogo de dominó

atraso

redução

perda

Como é difícil achar brechas

Chorando, Gil chega. Lágrimas no rosto e nos olhos. Instintivamente me abaixo e o recebo de braços abertos. Sentamos juntos no meio da sala, com Gil apoiado no meu corpo. [espaço] Tales se direciona para o fundo, onde as garrafas de água estão e Aisha se desloca para perto da mesinha das crianças, ao lado do tatame. Olha para o objeto, olha para nós.

“quer sentar na mesinha? pode sentar”

Possibilitar. Apontar para a vontade. Palavra

Aisha puxa a cadeira e senta nela e inicia sua brincadeira. Enquanto isso, Gil e eu permanecemos no nosso cantinho. Com os olhos atentos observava tudo ao seu redor - a sala, os brinquedos, as crianças. O movimento que acontecia lá fora contrastava com a calma que acontecia entre nós dois.

Assistimos Tales se tornar o Deus da Tempestade e do trovão. Brincando de virar seu mundo de cabeça para baixo, vai explorando sua sensorialidade. O som, as cores, as densidades, os movimentos. Nos convoca a olhar sua produção.

“tia, tia, tia”

Gil observa o que se desenrola ao seu redor e se interessa. No seu tempo, entra na brincadeira, faz sua própria melodia. Em sua brincadeira a dois exploram as possibilidades de sensações. Aisha, por sua vez, continua fugindo do tatame, sentando fora. A menina aparenta estar incomodada com a cadeira, tenta e tenta e tenta e tenta e tenta arrumar e volta para o mesmo o (não) lugar. Enquanto a observo a sensação é que toda vez que ela sentar, vai cair.

Repetição

A cadeira de plástico de Aisha é instável e sugiro a cadeira de madeira, mais sólida e firme. Sustenta

melhor. A oferta desperta o interesse. Ela faz a troca e se senta. Pausa. Olha ao seu redor, direcionando-se, com corpo e intenção, para algo que quer. Não o pega, o olha. Após alguns segundos, encaminha uma demanda para mim, acaba desistindo. O olhar abaixa junto com a mão esticada, apontando um mundo de possibilidades. Parece esperar o outro alcançar, fazer por ela. Em busca de um rumo diferente, a autorizo pela palavra.

Entre ela e o objeto de desejo há um oceano. Separados. Ofereço meu corpo como barco e a levo para o outro lado. Aisha rapidamente pega o brinquedo, mas tem que voltar por onde a carreguei. Sem pensar, dobro a ponta do tatame para que possa circular entre a estante dos brinquedos e a mesa. Com isso, consegue voltar para seu lugar com o brinquedo que escolheu: uma mochilinha. A acha entre tantos outros objetos e a fascina. Tenta colocar nas costas, carregar. Tales tem sua própria mochila, já ela não.

Tales está bem falante nesse encontro. Conta sobre o que vê, o que toca, o que faz. Se faz escutar. Ao achar vacas de brinquedo escondidas atrás de outros brinquedos, abre um grande sorriso. Encarna vários papéis, mas o principal é o de cuidador. Alimenta, dando comidinha e mamadeira para elas. São as vacas bebês. Coloca-as para dormir. Também encaixa as vacas umas nas outras e depois as solta. E repete as brincadeiras várias vezes.

Ao assistir a cena faço o barulho da mamadeira enquanto ele segura o objeto perto da boca da vaquinha. Tales sorri e me olha, imitando os sons que vem de mim. E juntos construímos um faz de conta, na qual eu, espectadora, espero o próximo movimento e ele encena seus diferentes personagens. A natureza invade o grupo, como num passe de mágica, as vacas do lado de fora se manifestam. Tales fica encantado. Corre para a janela para ver de onde vem o som.

Talvez venha de dentro da gente mesmo

Inspirada, imito a vaca e insiro um pouco de melodia, ritmo e voz. Logo sou seguida pelos meninos que acabam criando cada um sua própria canção.

Gil aparece na minha visão com um pote de massinha de modelar na mão e me alcança, em um pedido silencioso.

“não tá abrindo?”

Em um aceno de cabeça me diz

“não”

E para reforçar a resposta, me mostra que não consegue abri-lo. Com auxílio, então, começa a pegar a massinha para brincar. Com ela, faz “papa” e dá o que produziu para todos da sala. Ele cria os sons de comidinha e atentamente olha a receptividade dos outros em relação à brincadeira. Todos o imitam, inclusive eu, com sons e palavras. Recebo outro olhar atento e um prato e outro e um copo também.

Aisha pega pratinhos na caixa de brinquedos de cozinha e entrega um para mim e outro para minha

colega. Aceitamos e logo ela retira das nossas mãos e os devolve para o seu lugar. Após guardar tudo, olha ao seu redor e vê sua casinha de brinquedo, a pega em suas mãos e senta perto da gente. Aisha já fica mais próxima de mim.

Há objetos presos e colocados dentro da casa. Quando a menina abre uma porta, vejo algumas formas, coloco a mão para tirar uma estrelinha e Aisha quase prende minha mão na porta, muito mais interessada em fechar do que abrir. Bate a porta com força e tenta encaixar a todo custo uma chave na abertura da casa para trancar. Mesmo que fechasse a porta, ela não conseguia prendê-la. Segundo o dicionário, uma das leituras possíveis para estar preso é estar seguro, fechado, protegido. Mas estar trancado também significa ser introvertido, tímido, recolhido.

Solidão

Como ser acolhido?

A casa é dela, quem sou eu para retirar ou colocar?

Gil se aproxima para brincar junto com a menina. Ele traz sua própria chave e os dois vão revezando sua vez de abrir. Tales, sem chave, entra na brincadeira. Os meninos tentam encaixar as peças nas aberturas, mas quando não entra pelo telhado, eles abrem as portas e colocam os objetos por lá mesmo. E assim, por um breve momento, os três compartilham o mesmo brinquedo. Gil e Tales no brincar do encaixe e Aisha no abrir e fechar.

A menina, após seu tempo, não quer mais dividir o brinquedo, portanto vira de costas para eles. Os meninos mostram-se chateados, mas vão para a outra casa de brinquedo que as minhas colegas alcançaram para eles. Dividem uma chave a dois. Agora um tenta abrir, o outro encaixar.

A garrafa mágica brilha aos pés da menina e ela pega na mão o brinquedo que Tales explorava anteriormente. Mas, ao contrário do menino, tenta abrir a

tampa. Ao não conseguir, a coloca na boca, como uma chupeta. Fica observando os outros brincarem.

As crianças exploram a sala em busca dos brinquedos. Tales decide desenhar e brincar com os gizes de cera. Aisha acha uma bolsinha rosa e abre para ver o que tem dentro. Esmaltes coloridos e de diferentes cores, pega o dourado com brilho e tenta abrir, mas não consegue.

Como está difícil abrir as coisas, né, pequena?

Ela me direciona o esmalte e eu o abro e coloco na mesa. Aisha pega e já vai pintando a tampa do objeto. E, ao mesmo tempo, pinta a mesa, o papel e a própria roupa. Quando vejo a tinta no tênis dela e que cada vez se espalhava mais, tento fechar o esmalte, e escuto alto

“nããão”

Primeira palavra que escuto dela hoje e para colocar mais ênfase vira de costas para mim. Decido deixá-la brincar mais um pouco. Aisha pinta suas folhas

derramando cores. Nossa atenção é desviada pelo olhar no relógio, chegou o nosso horário.

O grupo se encerra também depois do esperado. Quando avisamos as crianças, estas aparentaram querer ficar mais. Damos um tempinho para se acostumarem com a ideia de irmos e, então, brincamos de dar tchau para a casa, as vacas, o tatame e o espaço.

“tchau chuva, tchau carrinhos”

Os meninos se empolgam com a brincadeira de despedida e se abraçam. Então, nós fomos dando tchau para cada um deles.

“tchau Tales, tchau Gil, tchau Aisha”

Para poder sair, Aisha levanta os braços e os estende para mim

“Quer colo, Aisha?”

Com mais ênfase e já chegando a resmungar continua pedindo colo para mim, a pego. Saímos e descemos juntas as escadas.

Do lado de fora, o sol já está forte, espalhando suas cores pelo campo. Os sons dos passarinhos ressoam nos nossos ouvidos. A vaca se faz presente. Caminhamos nas gramas e enquanto esperamos o transporte, nos transportamos para outro espaço. O grupo continua do lado de fora.

Os meninos procuram as vacas e as ficam observando encostados na cerca. Aisha demonstra receio e novamente pede colo. Mas, dessa vez, me agacho e fico do tamanho dela. Ela se aproxima do meu corpo e, de costas, vai sentando reta na minha perna dobrada. Brincamos de cavalinho e observamos Gil e Tales. Após um tempo, Aisha decide descer e se aproximar da cerca.

“oi vaquinha”

Tales nos olha e aponta muito animado para os animais

“tia, a vaca, tia, a vaca, tia”

Vejo a poeira subir e na estrada o carro para buscá-los se aproxima. Tales e Gil vão para o colo de suas educadoras e todas as crianças entram no carro. Eles acenam e sorriem para nós. Observo o carro desaparecer na estrada.

Até mais crianças, até a próxima poesia

2.3 Acolher

Mais um encontro se inicia. A educadora entrega as crianças para nós e comenta

“como a sala de vocês é pequena”

Realmente, às vezes, sentimos que o lugar estava cheio, muito ocupado, sem lacunas ou espaços vazios. Há muitos olhares. Nossos corpos fazem malabarismos para se locomover no espaço. Para possibilitarmos a abertura.

As crianças parecem não ter problemas para circular ali. Os meninos pegam as massinhas e vão brincando de comidinha. Tales não se dirige para a sua educadora, Flora, mas brinca porque tem a segurança de que ela está ali. Aisha, também, olha de vez em quando, parece que buscando uma autorização para brincar. Já Gil convoca Rosa para compartilharem o momento junto, convidando-a para dentro da brincadeira.

Uma das minhas colegas tem que sair antes do grupo terminar. Ela se despede e os meninos a observam.

Com isso, Gil vai para o colo de Rosa e parecia nos dizer que o grupo também havia acabado.

...

Relembro um outro encontro, um dia bem frio, no qual Gil estava mais sonolento. No meio da brincadeira se dirige até Violeta com os braços estendidos e escuta:

“não, sem colo, vai brincar”

Cabisbaixo vem até mim

“quer um colo?”

Gil senta na minha perna, respondendo minha pergunta, e o abraço enquanto observamos Tales brincar com a casinha. Ficou um pouquinho, no tempo que achou necessário, e desceu do colo para ir brincar. Decorrido metade do encontro, vai novamente pedir colo, eu tento traduzir e, com voz de criança:

“ah, tia, eu quero um colinho”

Nesse momento, Violeta consegue acolher e o abraça, enchendo o menino de beijos, Gil sorri satisfeito.

É importante também nos permitirmos acolher.

...

Tales vai para perto de Flora para colocar a mochila, também se preparando para ir embora. Explicamos para eles que havia mais tempo.

“vamos brincar mais?”

E seguimos a brincar.

No primeiro encontro, vieram três educadoras, mas nos seguintes, a cada um, uma educadora nova aparecia. Nem sempre as crianças tem alguém de referência da sua casa. Cada criança mora em uma casa diferente. Já houve vezes que não havia ninguém. Qual o papel das educadoras ali? Elas conversavam entre elas,

tiravam fotos, observavam. Mas qual era a função das cuidadoras ali?

Nos dispusemos a pensar sobre isso

...

Todo encontro é composto de desencontros

Antes do nosso esperado, Tales chega. Sozinho, mas acompanhado. Deixado na porta. Ficamos a sós, eu e ele na sala. Recebo. Juntos começamos a brincar com um brinquedinho que estava no chão. O tatame estava incompleto, algumas partes não estavam ali. Tales pega uma delas e encaixa na que faltava, completando, assim, uma fileira. Um tapete com as bordas completas, mas com o meio cheio de buracos, faltantes, vazios. Falta a letra, a palavra. Tales procura algo para preencher, mas não encontra. Nisso, minha outra colega chega e o cumprimenta, senta-se conosco. A brincadeira muda.

Agora, os brinquedos que estavam no centro do tatame são levados para cima do banco de concreto. Sobem, um a um. Nada resta no chão. Tales levanta, nos olha e se direciona à porta. Sinto um dizer:

“Já acabei meninas, quero ir para casa, ir com minhas cuidadoras, não quero ficar aqui sozinho com vocês”

As palavras do menino são mais simples:

“tia”

Na tentativa de inserir palavras, perguntamos:

“quer ir com a tia?”

“sim”

De mãos dadas, descemos da torre em que estávamos, quase correndo. Tales vai direto para o portão e, segurando-o com as duas mãos, olha a sua frente. Eu o olho

Quantas portas/portões/portinholas o estão
prendendo?

Como sair? Como abrir?

Minha colega desce conosco e vai procurar a educadora de Tales enquanto eu permaneço ao lado dele esperando. Há bastante movimento ali naquele espaço, barulho, vozes. Havia uma visita familiar, pai, mãe e filhos se revendo. Olho novamente para Tales.

Angústia da espera

Do não saber

Estar perdido

Sem referências

Para onde ir?

Não a encontramos. Logo, há movimento do lado de fora. Carro. Pessoas. Tales se mostra ansioso e se inclina ainda mais para ver entre as frestas do portão.

Será que é a cuidadora?

Quem chega são as outras crianças. Aisha chega de mãos dadas com sua educadora e Gil chega no colo, bem dengoso. É colocado no chão e me coloco à altura deles para cumprimentá-los. Gil vem manhoso na minha direção, sem olhar para mais ninguém, cabeça pendida para o lado. O vejo e abro os braços, o menino se encaixa. Sustenta a cabeça em meu ombro.

Gil tem a manha, a desenvoltura, de pedir colo e sustentação. Carinho, atenção e alento.

“oi, Gil, tudo bem?”

“vamos dar oi para a outra tia, a Sol?”

Recusa com a cabeça e se aconchega mais em mim, soltando seu corpo. O sustento no colo enquanto minha colega convoca Aisha a entrar sem a educadora. Em um primeiro momento, a pequena mostra resistência, mas Sol sorri e, com o brilho nos olhos, convida:

*“Oi, Aisha, ainda bem que tu vieste, vamos lá
brincar comigo?”*

Junto com isso, também oferece a sua mão para acolher e Aisha vai. Subimos, um no colo, um na mão e o outro sozinho. Tales parece disperso na sala, vasculhando-a, procurando algo, mas que parecia nunca encontrar.

Talvez não estivesse ali

Gil permanecia no meu colo, de frente para a sala, observando tudo enquanto eu o segurava. Apresento alguns brinquedos e ele pega um livrinho e o aninha, assim como fiz com Gil. Aisha se direciona direto para a mesa, senta na cadeira e começa a brincar com a casinha, abrindo e fechando as portas.

O menino desce do colo e senta encostado no meu corpo. Brincamos juntos, lendo o livrinho. Tentamos compartilhar essa leitura com as outras crianças, mas todos eles estavam em sua brincadeira particular. Tales,

angustiado, vai para perto da porta pedindo choroso pela tia. Estou mais perto dele, portanto tento acolher seu sofrimento. A sala parecia sufocá-lo. Olho e vejo Gil mostrando o livro para Sol. Desço, então, de mãos dadas com Tales, enquanto os outros permaneciam com Sol. Na frente do portão, ele levanta os braços e pede colo.

Engulo em seco. Angústia.

Tales nunca pediu colo para mim.

Na verdade, eu nunca o vi pedir colo.

No mesmo instante, o acolho e ele, angustiado, agarra com uma mão a parte de trás do meu cabelo e com a outra vai passando no meu pescoço, segurando-o. Prende-se em mim.

A sensação que eu sinto é que ele está buscando o seio materno.

Desespero primitivo, primeiro.

Despedaçamento.

Com a voz de choro pede:

“tia, tia, tia, tia”

Não dá para distinguir quem ele pede, eu ou outra. Quem será que pode tirar essa angústia que está no peito dele?

E agora está no meu também

Tento acalmá-lo e acolhê-lo. Compreendo sua expressão corporal, ele quer sair dali daquele prédio. Do lugar onde é jogado, deixado, abandonado. Onde está sozinho. Onde nada é familiar ou é um estranho familiar, pois em um momento está com quem o cuida e depois desaparece. Uma hora está visitando sua família, outra está sozinho.

Saio com ele aninhado em mim e sinto na minha cabeça algo molhado. Olho o céu. Na rua está garoando bem fino, parece que até o céu está chorando.

Respiro fundo.

Lá, pelo menos, ele parece mais calmo, menos angustiado e conseguimos olhar o campo juntos. Vou

nomeando o que vou vendo na minha frente. Ele me escuta, ainda com a mão em mim, mas relaxa o corpo. Começo a sentir a chuva ficar mais forte e, portanto, volto com ele para dentro. Tales se desespera novamente.

Respiro fundo.

Converso com ele. Com as palavras acolho, explico, tento dar sentido para ele e para mim sobre aquela experiência. Eu decido levá-lo para a casa. É o que ele diz para mim que precisa. Acolho o que escuto e vejo. Procuro um motorista para levar, mas quando vou colocá-lo no carro, ele se agarra no meu corpo e, desesperado, repete:

“não tia, não tia”

Não quer ir embora ou não quer estar sozinho?

A motorista enuncia repetidamente:

“coloca ele, pode colocar ele sozinho”

Ao ouvir, Tales se desespera.

“tia, tia, tia”

Sol está sozinha com as duas crianças lá em cima.

Não tenho permissão para entrar na casa de Tales para entregá-lo, já que outro paciente meu mora na casa.

Regras, leis, prescrições do que se deve fazer.

O que eu quero fazer?

Me escutar.

Com o meu corpo e palavra acolho

“Tá tudo bem, eu vou te levar em casa, tô aqui contigo”

Juntos, então, entro com ele e vamos estrada afora. Sentado no meu colo, Tales prende meu dedo dentro da sua mão.

Reflexo? Intencional?

Importa?

Faz a função e ele parece mais calmo, olhando o campo. Me mostra uma vaca e vamos conversando durante o pequeno caminho.

A urgência foi embora

Nomeio que estamos chegando na casa dele. Me observa. Descemos juntos do carro e ele sozinho já vai se direcionando à casa. Uma educadora ouve o barulho e aparece na área da frente, ele a vê

“tia”

Olha para mim e sorri, acena e se despede, mandando beijo. Passa pela sua educadora e fica por perto enquanto converso com ela.

“ele ficou muito angustiado sem algum educador com ele”

Atentamente, escuta. Ela acolhe e diz que irá conversar com suas colegas.

Saio com uma satisfação.

Entro no carro e a motorista me leva de volta até uma parte da estrada de chão. Caminho e a poeira vai levantando, devagar e aos poucos vou olhando ao redor.

Liberdade, imensidão, possibilidade

Vou em direção ao nosso espaço e do lado de fora

Fora?

Vejo Sol e as duas crianças brincando no pátio, olhando as vacas, os cavalos e o campo. Observando a imensidão. Eles se aninham no colo de minha colega e eu sorrio ao ver a cena. Quando escutam os meus passos, olham e vêm correndo me abraçar. Me abaixo e os acolho. Ambos pedem meu colo, levanto com cada um no meu braço e conversamos. Conto que Tales já foi para casa e logo eles iam também.

Era bastante peso sustentar os dois, mas ao mesmo tempo não queria largar nenhum. Minha colega lê a cena e convida Gil para seu colo. Assim, Gil ganha mais um colo e Aisha um pouco mais de espaço.

Entramos para dentro do prédio na busca da educadora da menina, mas não a encontramos.

Decidimos, então, nós mesmas os levarmos para não irem sozinhos na kombi. Gil, largado no colo de Sol, aconchegado e Aisha sentada, ereta, no meu colo. Entregamos cada um em sua casa.

...

Todos dizem o quanto Aisha pede colo e é grudada nos educadores, porém é a única até hoje que nunca chorou em nenhum encontro. Por que será?

2.4 Abrir

Em que lugar as crianças vivem?

Pela primeira vez tiramos alguns brinquedos e objetos da sala a fim de deixar mais espaçosa nossa sala. Para facilitar a nossa circulação e para que as crianças pudessem pegar os objetos. Tiramos a poeira da sala e colocamos à disposição brinquedos que só eles utilizam. Juntas também pensamos em novos objetos para colocar na sala. Colocamos brinquedos musicais no tatame, alguns que trouxemos e outros que as educadoras das casas emprestaram durante a semana quando fomos lá falar do grupo.

Para criar marca precisamos de sustentação

Apostar no trabalho

Trabalho em equipe

Na verdade, em todos encontros preparamos a sala. E, junto com isso, nos preparamos também. Abrir espaço em nós para eles. Os dias vêm sendo gelados, o

vento frio arrepia. Portanto, para as crianças sentarem, soltarem e brincarem colocamos dois tatames no chão.

Aquecer. Estimular. Despertar

Em alguns encontros os buscamos lá embaixo, neste deixamos a porta da sala aberta enquanto esperávamos. Nesse encontro especificamente, decidimos trazer bolhas de sabão para brincar. Nós começamos a brincadeira enquanto esperávamos. Em um rádio tocava baixinho o CD de músicas instrumentais do Elvis para bebês. Quando entro novamente na sala, pareço ser transportada para outro local, onde o tempo é diferente, com pausas, local dentro que também fica fora.

Entre

Aisha aparece no colo do seu educador, aninhada e sorrindo

“ela já pode entrar?”

Achamos melhor esperar as outras crianças chegarem. Sol desce por um instante enquanto eu e Lua continuamos a brincar. Após uns minutos, uma educadora chega com Aisha no colo e os meninos atrás. Os meninos entram na sala e se direcionam às bolhas de sabão, parecendo encantados. Magnólia entra e larga Aisha em cima do tatame como um saco de arroz.

Respiro fundo com a intromissão.

“é para fechar a porta?”

“não”

Aisha logo sai de cima do tatame e vai para a cadeira sentar.

A educadora fala um pouco conosco, mas nem ouço muito, pois estou focada na menina. Com o olhar atento, observa os meninos produzirem bolhas de sabão. Me aproximo e sento na frente dela, com um espaço entre nós. Quando eu faço as bolhas, ela se assusta, visivelmente, piscando.

Será que estou invadindo o espaço dela?

Então, vou aos pouquinhos mostrando para ela. Aisha estende a mão para pegar a garrafinha de sabão na mão. Eu a deixo pegar só cuidando para a menina não se molhar, já que ao pegar na mão inclinava a garrafinha. Cuidado pela palavra e pelo corpo.

Qual o limite entre a liberdade do brincar e do cuidado?

Olhando para mim, Aisha encosta em sua boca o soprador de bolhas, parecendo tentar me imitar. Por mais que eu a chamasse e explicasse, ela não tomava distância do objeto do seu corpo. Nomeando minhas ações, devagar coloco a mão dela na minha e afasto um pouco da boca, ela me observava.

Porém, quando repetia o processo sozinha, tinha dificuldades. Quando molhava o soprador na garrafa acabava derramando um pouco de líquido fora. Com o soprador na mão, não assoprava e com isso ia

aproximando o objeto da boca até ele encostar. Até ficar sem espaço, fresta, brecha. Novamente, me observava fazer. Ficamos um bom tempo nesse movimento de imitação.

Tales e Gil faziam bolhas que iam para o alto e Aisha ficava olhando atentamente. Quando o fazia, derrubava a água em si e no chão. Uma das bolhas de sabão vem perto de mim e eu assopro para cima fazendo ela subir, os meninos sorriem e me imitam. Tales e Gil iam testando, às vezes aproximavam, às vezes afastavam, descobrindo a melhor forma para fazer bolhas. Em alguns momentos criavam e nos outros exploravam, estourando-as. Tales faz uma bolha de sabão para Aisha e ela a observa ir indo, voando devagar até alcançar o céu.

As crianças aos poucos foram trocando de brincadeira. Tales e Gil brincam de comidinha, vão criando pratos e oferecendo para nós. Aisha está na casinha, vou perto dela para brincar junto e ouço

“sai”

Para dar ênfase fala com o corpo, virando de costas. Respondo me afastando um pouquinho

“vou sentar aqui, tudo bem?”

Aisha me olha e volta a brincar sozinha, mas não mais de costas. Hortência intervém

“ela só quer brincar contigo”

A menina segue na **sua** brincadeira [espaço]

...

Outra manhã fria, aguardamos as crianças. Pontualmente, elas chegam. Uma educadora entra com Gil e Aisha, enquanto Tales está no colo de outra tia. Estou do lado de fora e a convido para entrar no grupo

“entra tia, vamos entrar”

Com pressa, recusa imediatamente

“não posso, não posso, não posso”

Largando Tales praticamente no ~~cofo~~ no chão.
que perdido começa a chorar. Hortência o pega ele no
colo para consolar

“a Flora já vem”

Enquanto o abraça, pede para eu fechar a porta para ele
se acalmar

O que os olhos não vêem o coração não sente?

Sinto muito

Encosto a porta e assisto a cena, Hortência dá o
bico de Tales e o embala em seus braços. Olho Gil e
Aisha que observam o choro de Tales nasceu chorando

Ato. Falho?

“Tales está chorando porque ficou triste que a tia saiu”

Recebo o olhar atento dos pequenos

“Querem continuar brincando?”

Confirmando com a cabeça, Gil vai brincar e
Aisha pega a casinha na mão e vai para perto da mesinha

brincar. Quando vejo que o Gil Tales se acalma, converso com eles e abro a porta para chamar Sol.

Cotidiano

Entre o verbo estar e ir, o que há?

Voltamos e vemos Tales no chão brincando com outra casinha. Cumprimentamos e nos aproximamos. Aisha ainda continua na brincadeira de tentar abrir a casa, com bastante dificuldade. Quando abre logo a porta se fecha. Em um dado momento vai para perto da educadora e continua brincando de abrir e fechar. Outra brincadeira que faz bastante é abrir e fechar as bolsinhas que temos na sala. Ah, e a mochilinha! Quando a acha coloca nas costas enquanto fica brincando na mesinha. Em uma das vezes vê a mochila do Tales que está perto da educadora e pega nos braços ~~ela~~. Abraça.

Gil quando vê a cena, fala entusiasmado

“mochila”

Nem ele tem a sua

Tales nota que o CD parou de tocar e pede

“música”

Colocamos novamente a música e o menino sorri, sobe no banco sozinho para ver a janela. De pé se inclina e nos chama para narrar o que vê.

“carro”

Estacionados que podem levar a vários lugares, inclusive para casa.

“cavalo”

Que andam pelos caminhos, sonoros pastando no imenso verde que preenche nossas vistas

“vaca”

Presença reconfortante. Lembrança de cuidado.

Gil e Aisha entram na brincadeira. Há um empurra-empurra de corpos. A vista é pequena demais para tanta gente. Sento perto para dar suporte corporal enquanto conversávamos com eles. De vez em quando uma mão, perna, pé, cotovelo se apoiava em mim para se

posicionar melhor. E isso também ocorria quando estávamos sentados na sala. Mesmo com menos objetos e pessoas na sala. O corpo tinha outra função além de ocupar espaço.

Talvez o de abrir

...

No final do primeiro encontro, as educadoras exigiram que as crianças guardassem brinquedos. Tales e Gil seguiram à risca. Aisha ficou observando. Exigência delas para ir embora. Afirmamos que eles não precisavam guardar, que ali eles iam só brincar. A partir disso, o espaço do grupo foi tomando forma. Espaço outro em que a bagunça é permitida e necessária.

...

Descemos a escada após mais um fim de encontro e decidimos ver com o almoxarifado se não tinham mochilinhas. As crianças nos seguem. Eu brinco de carrinho com Aisha e Gil enquanto Sol com Tales

procura as mochilas. Conseguimos, agora para ir embora cada um coloca a sua. Aisha não deixa ninguém tocar em sua mochila. Sai andando com as alças grandes quase escapando de seus ombros.

...

São comuns os momentos em que descemos para o pátio. Lá também brincamos. Um dia, inspirados pela melodia de suas cabeças, Gil e Tales fazem uma ciranda, brincando de girar. Minha colega entra junto com a poesia e os três brincam. Eu sento em um banquinho assistindo a cena e Aisha vem para o meu colo. Pela primeira vez soltou seu corpo e deitou a cabeça no meu ombro, ficando toda apoiada em mim. E juntas esperamos as próximas idas e vindas.

2.5 Criar

As crianças criam a canção, ritmo e melodia. Em um brincar de letras, palavras, sons e corpos o grupo é composto. Verbo no presente, na memória e na escrita. Criam ação. Movimentam corpos e afetos. Eles nunca permaneciam muito tempo na mesma brincadeira e objeto. Mas o que é o tempo mesmo?

As crianças chegam atrasadas e já vão adentrando a sala aberta, eu os sigo e sou a última a entrar. A primeira cena que eu vejo é Aisha no colo de Magnólia, enquanto os meninos estão todos cheios de roupa em pé no chão. Parece difícil para eles se locomoverem. Tales tira a touca e me alcança

“tia”

Inspirada a uso como fantoche e começo a conversar com ele.

“não tia, não tia”

O menino pega os fantoches de pano que temos e nos alcança para colocarmos nas mãos. Crio personagens e começo a falar com as crianças. Tales e Gil entram na brincadeira a partir do corpo. Com a boca dos fantoches vamos nos tocando, pegando o braço, mordendo a mão até cair a fantasia. Sons de devoração. Vovózinha que vira lobo mau. Trocamos os personagens entre nós e recomeçamos a mesma brincadeira.

Do outro lado da sala está Aisha brincando de alimentar a boneca. Eu converso com ela

“Oi, Aisha, tá dando comida para o nenê?”

Ela me olha por um tempo e volta para sua brincadeira. Faço uma tentativa de entrada, fazendo o som de comer.

“nham, nham, nham”

Recebo outro olhar atento e, depois de um tempo, a menina me oferece comidinha. Me alimenta. Sorrio para Aisha

“hum, que delícia, mas ainda tô com fome”

Aisha me observa por um tempo e prepara mais comidinha para mim. A educadora insiste para ela dividir com as outras crianças, mas ela oferta somente para mim, para Hortência e para Sol.

“ela até tá brincando, né? mas não quer brincar com os outros meninos”

Não quer ou não consegue?

“é uma brincadeira solitária”

Só, ela segue

...

Pontualmente, as crianças chegam. Flora entra junto com eles. Entramos no grupo e os convidamos -

como sempre fazemos. Aisha está sorridente, um sorriso aberto, parecia muito mais aberta em relação ao grupo.

Eu estranho muito
Primeiro sorriso que eu a vejo dar dentro dessa
sala
Em sua casa, distribui vários sorrisos
Mas aqui, é inédito
Sorrio em troca

Em sua investigação, Tales encontra bolas de boliche e nos convoca a montar a cena com ele. A sua bola era a vermelha e Gil entrando na brincadeira depois, pega a azul para brincar, a que restou. Há uma tentativa de estabelecer uma vez para cada um, pois ambos querem jogar sozinhos. Um brinquedo, duas crianças, compartilhamento.

Tales usa bastante força ao lançar a bola para derrubar os pinos. Quando não caíam com a bola, ele os

chutava até cair e comemorava. Gil começou a imitar o colega, mas depois de um tempo se afasta e vai pedir colo para a educadora. Recebe um beijo, mas logo ela levanta para filmar Tales brincando com o boliche.

“quer um colinho, Gil?”

Recebo um sorriso enquanto Gil acena com a cabeça e vem correndo pro colo. Se deita jogado em mim, solto. O sustento e ficamos olhando Tales brincar. Gil está em processo de aproximação de uma nova família e, desde então, o sinto mais jogado, menos sustentado e mais assustado.

Eles voltam?

A bola vermelha vai para longe e Sol oferece a Tales a bola do boliche azul, Gil prontamente levanta e vai brincar.

É meu

Aisha observava os meninos e ofereço outra casinha para ela. Ela pega e vai me fazendo segurar para ela encaixar. Convido-a para brincar no tatame, a sentar. A menina fica em pé, empurrando a casinha até eu sustentar o objeto

“Aisha, quer que eu segure?”

Ela nem me olha e continua tentando encaixar duas vezes a chave. Desiste e me alcança a chave.

“o que aconteceu?”

Silêncio

“tu pode tentar mais se quiser, vou segurar”

Aisha tenta mais uma vez e não consegue. Então, enfia o dedo no buraco da abertura da chave, algo que eu fiz em outro atendimento e hoje ela imita, e abre a porta, comemoro e recebo um olhar atento dela.

Aisha fecha a porta novamente e segue sua brincadeira.

Às vezes quando uma criança está fazendo algo que chama a atenção, falando mais alto, as outras ficam olhando. Pensando agora, é mais com o Tales que isso ocorre. Procura um protagonismo. Com a palavra e corpo, nos convoca a olhar.

Gil acha o livro sonoro do patinho. Ao apertar o botão, sai som. Aconchega-se para explorar e começa a imitar o pato. Tales vem correndo querer participar e pega o objeto para si. Aperta repetidamente sem intervalo

“tia, tia, tia”

“Oi, Tales, que legal o pato, cadê o pato?”

“aqui”

Quando vou dividindo minha atenção entre ele e Gil, pega e se dirige a Sol ou a Lua para brincar. Tales decide brincar com os gizes de cera que estavam na mesa e vai tirando-os da sua caixa. Apoiado no tatame quase que em posição de engatinhar começa a jogar com força no chão cada giz de cera. Levanta a cabeça e olha para sua educadora que está a sua frente. Começa a jogar com

força os gizes para trás de si, sem olhar o efeito, fazendo-os partir no meio.

“Que aconteceu, Tales?”

Continua a jogar

“Parece que tu tá chateado”

“Aconteceu alguma coisa?”

E com o corpo ele me mostrava à chateação. Em outro momento repete a brincadeira com a bola de boliche. Quando joga acaba batendo na perna de Gil que olha na direção de Tales, parecendo meio desorientado. Conversamos com os dois. Colocamos em palavra o ato e fazemos um combinado.

“Tales, tu está jogando muito forte. Parece que o Gil não gostou da bola bater nele. Vamos ter que criar uma regra aqui que é não machucar o coleguinha. Pode ser? Quem sabe trocamos a bola, então?”

Ele aceita e juntos procuramos outra bola, ele pega uma feita de plástico e volta a brincar de jogar na parede com força.

“A gente tá vendo que tu está com raiva, Tales”

Nos direciona o olhar e observa por um tempo, diminuindo a intensidade com que joga a bola. Enquanto isso, Aisha pega a bolha de sabão para brincar, abre a garrafa, afasta o soprador da boca e faz bolhas de sabão. Sorria quando a bolha saía e durante a brincadeira ficou me olhando.

“Olha que legal as bolhas, Aisha”

Encantada com a própria produção, sorri. Às vezes as bolhas de sabão saíam, às vezes não, umas maiores e outras menores e ela seguia na brincadeira. Gil segue na brincadeira de explorar o livro “o patinho explorador”. E vai controlando quando o pato se manifesta ou não. Produzindo som, música. A cada “quém” o pato se fazia presente.

*“O pato vinha cantando alegremente, quem,
quem
Quando o marreco sorridente pediu
Pra entrar também no samba
O ganso gostou da dupla e fez também quem,
quem
Olhou pro cisne e disse assim "vem, vem"
E o quarteto ficará bem, muito bom, muito bem”*

Os meninos gostavam de produzir sons. Havia pianos de brinquedo espalhados pela sala. Gil pega um deles e toca, mas não faz barulho. Entro com um som da minha boca e ele me olha. Larga o brinquedo e pega a garrafinha que tem vários objetos dentro e a sacode fazendo som, alto, estridente, presente. Tales faz barulho também e depois de um tempo vai em direção ao rádio pedindo música. Quando a colocamos, ele mexe a cabeça e vai brincar com a casinha que está próxima de seus pés.

As crianças são como o patinho explorador, vão, buscam em cada canto, em cada objeto. Um dos objetos preferidos de Aisha é a bolsa de remédios. Ela tenta abrir, mas nem se mexe a abertura. Entrega

“Não tá conseguindo abrir? Essa é difícil mesmo, quer ajuda?”

Aisha me olha nos olhos e eu abro e entrego a bolsa. Retira tudo que tem dentro e vai manuseando, volta a guardar tudo lá dentro. Fecha não completamente, abre novamente e monta sua brincadeira. Os meninos veem e vão atrás dela

“não”

Se vira de costas, mas os meninos conseguem pegar uma seringa e começam a brincar de dar remédio na boca das pessoas. Enquanto isso, Aisha segue em sua brincadeira, sentada fora do tatame em sua mesa.

“To bem doutor? To doente?”

Quando percebiam nossa participação, se engajam ainda mais na brincadeira e se revezavam para nos examinar. Gil troca de brincadeira quando acha uma corda de pular e entrega na minha mão.

“Quer pular Gil?”

Coloco no chão e vou balançando para ele pular. Tales entra na brincadeira e segura o outro lado da corda. Gil pula, depois Tales, depois Gil, depois Tales e ele novamente. Aisha vai observando os meninos pularem

“Quer pular Aisha?”

Ela se volta para a brincadeira novamente de abrir e fechar e às vezes nos lançava um olhar.

Gil troca de brincadeira e pega um palhaço de encaixar. Senta no chão e o desmonta, até os pés. Aos poucos vai construindo, com a cabeça lá embaixo. Tales chega que nem um vento forte e arranca o brinquedo do menino. Gil observa sem expressão

É possível alguém ficar assim?

Acho que surpreso define melhor. Conversamos com Tales e Sol entrega outro brinquedo de montar para Gil. Ele nos olha e volta a brincar de construir. Enquanto o vejo brincar escuto minha própria voz narrando o que ele fazia “*amarelo*”, “*vermelho*”. O menino me observa e sorri, me imitando

“*amarelo*”

Encaixava mais um e me olhava na espera de eu dizer a cor

“*azul*”

Gil repetia e ia construindo e seguia sua (nossa?) brincadeira.

Uma das brincadeiras favoritas de Tales e Aisha é tirar lápis da caixa e espalhar na mesa. Gil se junta e tiram todos. Na mesa, Gil tem pouco espaço, quase esmagado pelos outros. Lua convida Gil para desenhar sua mão no papel e ele fica encantado com o resultado. Essa vira uma de suas brincadeiras favoritas. Gil quer

desenhar, marcar o papel, se frustra quando a imagem da mão fica muito diferente da que está no papel. Nos olha perdido. Repete a brincadeira e consegue uma mão parecida, sai se distribuindo pelas tias.

“Obrigada pelo presente, Gil, que lindo, posso mostrar para Sol?”

Gil nega com a cabeça e vai para a mesa desenhar outro. Entrega-o para Sol. O presente é dele.

Cada um tem sua brincadeira preferida à qual dedica mais tempo, atenção e pela qual são lembrados também. Aisha adora abrir e fechar suas casas, além das bolsas, bolsinhas e mochilas. Guardar os objetos também é uma das suas brincadeiras favoritas. Tales gosta de cuidar, seja a boneca ou a vaca e às vezes até a tia mesmo. Já Gil gosta dos sons, do pato, das brincadeiras de encaixe de peças e corpos.

E eu? Aprendi que gosto muito de brincar.

2.6 Elaborar

Os encontros demoram para começar, mas quando a gente se encontra...

Ah quando a gente se encontra

Nos transportamos para outro espaço, lugar entre. Fora, mas dentro. Casa e abrigo. Eles são levados e trazidos semanalmente para cá, mas nós construímos juntos um espaço outro, nosso. Lugar determinado, com o tempo circunscrito, datado. E fluído, flexível. Feito de elástico, tecido. Como o tatame de borracha, o corpo que encaixa e sustenta, a casa de plástico que abre e fecha, que desencaixa e se monta. Inúmeras aberturas, portas, brechas. Estabelecidas. Espaço de abranger. Abrir e fechar. Chegou o momento de finalizar.

Quando toca o despertador para nos avisar do tempo, comentamos

“agora que engrenou”

A vontade é que não termine. Chega o horário do término do grupo e junto vem uma pequena tristeza misturada com alegria. Não sei se terapeuta pode sentir.

Eu sinto muito.

...

Mais um encontro, a educadora sorrindo nos avisa

“tô na sala com eles”

Entramos e estão todas as crianças brincando já, Aisha e Tales em pé brincando, a menina com a casinha de plástico, ele com a de madeira. Gil está sentado no tatame brincando com a sua casa. As cumprimentamos e recebemos como sempre. Hoje sento na frente do Gil e o vejo brincar, nomeando e conversando sobre a brincadeira com as portas de abrir e fechar. Ele mostra frustração e me entrega a chave

“que aconteceu?”

[silêncio]

“quer ajuda?”

“ajuda”

Juntos abrimos essa casa. Entro com a palavra e ele com a ação.

“ah”

Gil parece descobrir algo, reparo que está segurando a chave que está na mesma cor da porta. E começa a brincar de combinações e semelhanças. Já Aisha brinca de abrir e fechar sua casinha. A menina usa a chave da nossa sala que estava em cima da mesa para abrir a casa. Ela revira a casa do avesso. Olho Aisha novamente, está sentada no tatame. Brincando de abrir e fechar. Talvez agora mais de abrir do que fechar.

...

Criamos espaço e com isso também ritmo, cadência e circulação. Os brinquedos permaneceram os mesmos na maior parte, as brincadeiras que sutilmente foram mudando. Aisha foi abrindo espaço, possibilidade, brechas. Iniciou um faz-de-conta e

inseriu momentos de cuidado. Sorriu, brincou, soltou o corpo e dançou uma melodia compassada, mais instrumental.

Tales cresceu e foi explorando vários universos. Do cuidado que é um para um, espaço compartilhado para algo mais privado. Música alta cheia de palavras e energia, aquelas que fazem o corpo todo mexer. Que se faz escutar e ver. Com seu jeitinho cheio de ginga, Gil foi ocupando espaço e voz. Do corpo foi explorar outros objetos, mundos e possibilidades. Fez chover e raiar o sol. Sua massa de modelar foi tomando forma, permanência.

E, nesse processo, eu terapeuta também. Acompanhei e fui acompanhada. Abri espaço para acolher e fui acolhida. Um trabalho compartilhado em que aprendi também a estar sozinha.

Encerramentos nunca são fáceis. porém o grupo continua em mim, neles, aqui. A escrita tem essa potência de marcar, de se fazer presente e de elaborar.

“vamos ir embora crianças?”

Todos queriam ficar mais, crianças nos olham e se agarram mais nos brinquedos. Apesar de já terem ganhado um outro espaço, não queriam abrir mão deste.

“Parece estar sendo difícil ir embora, né? Para a gente também”

E juntos encontramos uma forma de ir embora, levando aquele espaço dentro da gente.

3. Costurar - tempo de concluir

E agora que terminou? Parece um bom momento para uma costura e também abertura de novas perguntas e possibilidades, reflexão. Palavras, linhas e pinceladas. Ritmo, melodia e canção

[espaço]

Em que lugares as crianças vivem? E como entrar no mundo delas? Me parece que uma primeira pista é se colocar disponível, com o corpo e olhar. Além disso, também é importante nos permitir entrar e acessar o nosso corpo e psiquismo que são intensamente convocados ao se trabalhar com a primeira infância. Afinal, enquanto terapeutas somos intimados a também nos escutar, os efeitos de sentido que repercutem em nós.

Em primeiro lugar, é preciso ter interesse, curiosidade e coragem para lançar-se na busca do desconhecido e encontrar-se com o primitivo, esse lugar ‘de difícil acesso’ pela linguagem verbal, memória e outros processos cognitivos. É preciso também reconhecer que não se sabe e

admitir que se tem muito a observar e aprender. (Caron & Lopes, 2014, p.14).

Escutar com o corpo todo é quase uma arte, um malabarismo de corpos, olhos, palavras e inconsciente. Imersa nessa experiência clínica, se dá um treino de escuta. Em um espaço no qual as crianças ditam as regras, comunicam o que precisam. Para as acolhermos é preciso abrir espaço, estarmos disponíveis psíquica e fisicamente, para sermos usados como sustentação.

Fazer da escuta uma ‘experiência’ é deixar que as palavras e os corpos nos cheguem, nos afetem, nos atravessem. Requer estarmos vulneráveis e disponíveis para a aventura [...] A viagem da escuta é, portanto, a experiência do risco, do perigo e da travessia: não temos como antecipar os rumos da viagem que se abre quando o outro começa a se abrir. Poderíamos chamar de “descontrole” a nau que nos transporta nessa jornada rumo ao desconhecido, e de “cuidado” a força que nos encoraja a embarcar e a suportar as incertezas da viagem. (Dunker & Thebas, 2019, p.130)

No trabalho com essas crianças pequenas, se fez necessária a escuta de uma comunicação silenciosa, mais primitiva, primeira forma de comunicação humana, em termos de anatomia e fisiologia de corpos vivos (Winnicott, 1994) e de inconsciente para inconsciente.

É possível observar que estou levando vocês para um lugar onde a verbalização perde todo e qualquer sentido. Que ligação pode haver então entre tudo isso e a psicanálise, que se fundamentou no processo de interpretações verbais de pensamentos e ideias verbalizados? (Winnicott, 1968/1988, p.81).

Alguns movimentos enquanto terapeuta são exigentes, por exemplo, identificar onde a criança nos coloca na transferência, em que lugar, posição. Levin (1991, p. 5) afirma que “o terapeuta irá ocupar este lugar de Outro. Outro como função e isto é o difícil de olhar”.

Desafio é também escutar além das palavras emitidas. Escutar no detalhe, no olhar, na postura. A criança nos comunica através do seu corpo. Este que:

[..] não é uma globalidade, mas sim um corpo com buracos, com faltas, com zonas erógenas, é um corpo libidinal, é um corpo que se arma, é um corpo que se fabrica, se constrói por meio e relação com um Outro, é o outro que dá a postura à criança e como a sustenta arma um espaço para que a criança tenha uma postura. (Levin, 1991, p.5)

O corpo entra em cena, pois é parte do sujeito, o constitui e é constituído por ele.

A costura de um sujeito vai sendo feita desde os cuidados corporais, através da inscrição das marcas erógenas fundamentais, em que o Outro primordial vai significando e dando contorno para esse corpo que antes se apresentava circunscrito ao âmbito da natureza corporal. Do corpo biológico, submetido ao processo desenvolvimental, precisa emergir o sujeito psíquico. (Silva, 2018, p.15)

Se, como afirma Levin (1991, p.12) “nosso espelho são os olhos do Outro”, como os cuidadores olham para Aisha, Gil e Tales? Como os pequenos estão

sendo sustentados? E qual é a minha função enquanto terapeuta?

É a partir do brincar, do corpo e do olhar que as crianças começam a nos falar, nos endereçar uma demanda. “Como manifestação da infância, o brincar pode sinalizar a relação que a criança tem com seu corpo” (Silva, 2018, p.27).

Tales verbaliza “tia, tia”, um sinônimo para “me olha, me olha”. Mas que olhar é esse? Enquanto terapeuta, um olhar que “apreende, que captura, que deseja” (Levin, 1991, p. 15). Enquanto terapeuta, empresto meu desejo.

Enquanto terapeuta meu corpo é convocado a sustentar e também a sentir. Tales, dentre os três, é o que menos pede sustentação pelo colo, mas sim pelo olhar. Ele aparenta estar em outro momento constitutivo, menos fragmentado. Já Gil, durante os encontros, foi se mostrando mais fluido, menos sustentado e mais perdido. Confuso, às vezes. Jogado, entregue.

Aisha, com a postura rígida, parece não poder relaxar, está dominada pelo seu corpo, o sentindo o tempo todo. Ela parece aprisionada na rigidez de suas defesas primitivas. Isso aponta para uma dificuldade de simbolização do corpo. Para isso operar, é importante representá-lo em qualidade de ausente. Como representar algo que não está? Como abrir brechas e como suportá-las?

“Há angústia, a criança está angustiada [...] a criança não gosta de estar inibida ou de não poder mexer o corpo. Não é que não queira, é que não pode. Ela não sabe por que está ali” (Levin, 1991, p.6). Há uma urgência, há sofrimento.

Apostamos enquanto psicanálise em uma clínica pela constituição simbólica. A simbolização depende de uma separação eu e outro. Ela opera no corpo e “depende de um Outro desejando que inscreva a criança num lugar na cadeia significante” (Silva, 2018 p.19). Eu não mais existo como extensão de um outro, que quando vai eu me

esvaio, desapareço, morro. Como sair dessa posição? A aposta é no brincar. “Os sintomas da criança enquanto formações inconscientes, podem se manifestar através do brincar” (Silva, 2018, p.26).

[...] nós terapeutas começamos a articular isso que não se fala, isso que faz sintoma no corpo da criança. [...] No sintoma aparece algo do qual não se pode falar, algo que ficou como oco, algo que ficou como um buraco, algo que ficou excluído. Quando se abre um espaço clínico, muitas vezes a criança começa a brincar a isso que não se simbolizou, sem ela saber. (Levin, 1991, p.7)

E a menina se pôs a brincar e aos poucos soltar esse corpo. Numa compulsão à repetição de abrir e fechar, ela estabelece o ritmo, o que entra e o que sai. A partir da brincadeira, Aisha, também repete ativamente o que sofreu passivamente (Levin, 1991).

As crianças brincam porque gostam de o fazer, elas têm prazer em todas as experiências de brincadeira física e emocional [...] Conquanto seja fácil perceber que as crianças brincam por prazer, é muito mais difícil para as pessoas verem que as

crianças brincam para dominar angústias, controlar ideias ou impulsos que conduzem à angústia se não forem dominados. A angústia é sempre um fator na brincadeira infantil e, frequentemente, um fator dominante. A ameaça de um excesso de angústia conduz à brincadeira compulsiva, ou à brincadeira repetida, ou a uma busca exagerada dos prazeres que pertencem à brincadeira; e se a angústia for muito grande, a brincadeira redonda em pura exploração da gratificação sensual (Winnicott, 1977, p.162).

Possibilidade

No abrigo permanece a estagnação de sentidos. Como marcas de nascença: Abandonado - institucionalizado. A instituição não permite muitas brechas para escolhas, para o sujeito advir, e conseqüentemente, para a linguagem. Há uma instabilidade. A sensação é que o mundo interno da criança está sendo invadido. Não há muito espaço, brecha. Há uma exposição sem ter para onde fugir ou se esconder.

Quem decide e escolhe não são os cuidadores, ou melhor definindo, cuidadoras, pois a maioria que ocupa esses espaços são mulheres. É o Estado que define o que vai acontecer com essas crianças. É a equipe técnica que muitas vezes define onde eles vão estar, que atividades fazer.

Há uma rede composta de várias pessoas e de instituições que compõem o cenário de cuidado. Porém, quem ativamente está no dia a dia são as educadoras, que por muitas vezes, ocupam um lugar de espectadoras de fragmentos de narrativas. Acompanham a vida por partes, algumas histórias e momentos. E aí troca o plantão e entram outros. A história de vida está no prontuário, parcializada. Papéis e mais papéis que juntos dizem algo da vida. Mas há quem costure essas narrativas?

Estar institucionalizado é também estar resistindo cotidianamente a um engolfamento objetificador, do sujeito, do corpo, do desejo. O efeito parece similar nas trabalhadoras de um acolhimento institucional que

acabam reproduzindo uma lógica disciplinar a cada ato - às vezes respaldado por um saber técnico - ações que reverberam na constituição e nas marcas que os acolhidos vão carregando na sua vida.

Há uma história que ainda reverbera na constituição desse espaço de acolhimento. O abrigo de crianças ocorre desde muito tempo, com suas [diferentes?] configurações ao longo da história. Fonseca e Kelly (2016) localizam o acolhimento de crianças e adolescentes no Brasil a partir da colonização portuguesa, quando padres retiravam as crianças de suas famílias com o intuito de catequização e de uma normatização daqueles sujeitos. Além das crianças indígenas, havia órfãos e rejeitados portugueses.

Roda de Expostos da Santa Casa de Misericórdia, Enfermarias de hospitais, Casa dos Expostos, Seminários, Educandários, Casas de caridade, Residência dos membros da Mesa, Residência das criadeiras, Asilo de meninos desvalidos e tantos outros nomes

circunscreviam espaços e com o tempo foram tomando forma e cor:

Com o passar dos anos, as tradicionais instituições se tornaram abrigos de cor, sendo por isso mesmo vistas com muitas reservas pelas famílias brancas. Neste funcionamento, em 1871, por lei, um novo perfil racial é definido para as instituições. Segundo à medida que libertava os filhos de escravas, uma vez comprovado o mau tratamento infligido à criança cativa, o Juiz de Órfãos deveria enviá-la “à Casa dos Expostos e a pessoas a quem (...) encarregarem a educação dos ditos menores (Fonseca & Kelly, 2016, p.9).

Desde o início dessa história, uma das motivações presentes para o acolhimento era o “não estar na norma esperada”, crianças com poucos recursos financeiros, que eram filhas “ilegítimas”, não reconhecidas por seus pais, mestiças. Ou seja, que incomodavam os olhos e ouvidos da população. [Quem as escuta?] A política era de retirada, de uma higienização e posterior disciplinarização.

[Era? Será que está no passado?]

Havia muitos empecilhos para que essas crianças fossem adotadas, já que havia várias regras e expectativas em relação a quem poderia ter o direito legal ou não da guarda das crianças. Embuídos de uma concepção do que seria uma boa mãe, uma boa cuidadora, uma boa ama de leite, como se tivesse uma idade, um corpo melhor para cuidar.

Os motivos para esse acolhimento em sua maioria eram de crianças nascidas fora do casamento (40%), crianças ilegítimas (25%) e outras abandonadas ao nascer (15%), explicações muito pautadas sobre concepções da época de família e filiação (Venâncio, 2010 citado em Fonseca & Kelly, 2016).

[Basta nascer para ser filho? E sujeito? O que define esse papel e posição?]

A partir do respaldo código do menor, em 1927, a abrigagem se dava a partir de uma criminalização dessas crianças, as punindo e culpabilizando por sua situação de

recolhimento. Os locais que eram destinados eram colégios internos, orfanatos e educandários, espaços fechados cercados com muros altos, superlotados. Um depósito de vida, lugar de internação quase assemelhava a instituições militares [e manicomiais], que cobravam comportamentos específicos de ordem e disciplina desses corpos.

Junto com essa lei, surge a ideia de que a família e a sociedade são responsáveis pelas suas crianças e que a entrada do Estado somente se dá quando há falhas nesse cuidado oferecido ao infante. O Estado falha com a família. Esta falha com a criança e ambas são responsabilizadas pela sua falha. E o Estado? ...

No novo código de menores ainda permanecia a lógica corretiva e repressiva. E as crianças abandonadas ou “irregulares” ou bandidas eram recolhidas. O cenário foi se modificando a partir dos anos 80, tanto através das reivindicações dos próprios acolhidos, como da repercussão na imprensa. Além disso, a própria mudança

que a sociedade estava sofrendo, do processo de autoritarismo para uma reabertura a democracia, auxiliou nessas transformações.

Então, a partir da Comissão Nacional da Criança Constituinte foi incluída na Constituição de 1988 artigos sobre a proteção integral tanto das crianças como dos adolescentes, e em 1990, houve a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), documento específico para esse público, que considera crianças e adolescentes como sujeitos de direitos.

A partir disso, o Acolhimento Institucional se dá como política pública, pois é construído com participação social. As crianças e adolescentes são vistos, a partir desse momento, perante a lei, como sujeito de desejos e não somente objetos de tutela do estado.

[São sujeitos ou são feitos de objetos?]

A mudança na legislação não implica em uma transformação na realidade do acolhimento institucional.

Segundo o Instituto fazendo história (2016) depende de “uma reestruturação de dinâmicas já estabelecidas e mudança de olhar das pessoas envolvidas”.

Ainda há cuidadoras no acolhimento institucional que entraram antes do ECA, no modelo de regime fechado, prisão, total. A mudança faz pouco tempo. A história tem efeitos. A rejeição e exclusão, processo que esteve na constituição dos serviços de acolhimento, reverberam até hoje.

Hoje, o abrigo é para ser uma cópia aproximada de um lar, uma casa. Que tipo de casa? Eu não sei.

Há uma circulação de figuras de cuidado e mesmo assim as crianças conseguem identificar um pouco de cada um. De quem as cuida. Porém, aparentemente em momentos de grande sofrimento, como de separação abrupta entre crianças e cuidadores, elas parecem regredir e vivenciar angústias muito primitivas – agonias impensáveis – ligadas ao desamparo constitutivo do ser humano e ao estado original de não

integração: medo de cair para sempre, ser feito em pedaços, morrer, morrer e morrer, perder todos os vestígios de esperança de renovação de contatos (Winnicott, 1988).

Graças à sustentação ambiental, essas agonias constitutivas tendem a se dissipar e ser transformadas ao longo do desenvolvimento humano. No entanto, podem persistir quando, “ligadas a traumas na temporalização humana, ou seja, uma falha de confiabilidade na provisão ambiental em um momento que se está em estado de dependência.” (Santos, 2011, p. 475).

Havia momentos em que para conseguirem lidar com essas agonias primitivas, ao medo de se esvaír, as crianças buscavam gratificações mais primitivas e sensuais, como o seio materno, por exemplo. O corpo das terapeutas era colocado em cena.

Para Freud e Lacan, a angústia “é um fenômeno de borda, um sinal que se produz no limite do eu, diante da ameaça de algo que não deve aparecer” (Viola &

Vorcaro, 2009, p. 893). Essas considerações teóricas em torno do conceito de angústia podem auxiliar na leitura dessas cenas de um desespero intenso que Tales e Gil apresentam.

Se faz importante frisar a complexidade de um trabalho em acolhimento institucional. Trabalhadora que executa cuidado, mas que para isso, abre mão de cuidar dos seus. Que sai de sua casa para adentrar a casinha para cuidar de outros. Quem cuida do cuidador?

Serviço dinâmico. Lidar com o desamparo e sofrimento exige um esforço constante. E como a narrativa aponta, se faz:

O que ‘dá’ em detrimento do que ‘deve ser’. Repito. Anseio em saber mais, compreender melhor essa lacuna. De falta, sim, como a educadora me conta. Falta de estrutura, recursos humanos, materiais, apoio. Precarização. Entretanto, há algo mais. Lacuna, também, entre o que exige a função do trabalho e de cuidado, que parece transbordar o âmbito meramente profissional e prático. Ela hesita tocar no sensível.

Hesita tocar onde lhe toca. Não deve? E dá?
(Steiger, 2019, p. 36)

Parece necessário abrir espaço e portas para sentir, ser e estar. Estar disponível também é fazer isso. No início do grupo, se fazia necessário o uso do corpo, do colo, de uma sustentação. Aos poucos, o uso foi diminuindo e a palavra entrava. Abriu-se um espaço intermediário entre a casa e o espaço fora de casa.

Assim como as crianças saem de um estado de dependência total para a dependência relativa rumo à independência (Winnicott, 1975), o grupo se constituiu nesse “espaço entre”. O corpo, palavra, olhar entraram para sustentar e auxiliar essas crianças que estavam com dificuldades de falar, de simbolizar e, principalmente, de brincar.

Fui tomada por um estranhamento que acompanhou todo meu percurso na instituição: “Onde está Aisha? Por que ela nunca tem o espaço dela? Estar escanteada é um lugar?”. E percebo na escrita que ela toma espaço, ocupa, usa e aparece. Para quem teve

poucas vezes alguma referência próxima de cuidado no grupo, ela resistiu, se sustentou. Mas principalmente, sentou e relaxou, brincou. Ou. Abriu possibilidade, escolha, brecha. Com Aisha aprendemos sobre o respeito que se tem que ter pela necessidade humana de se comunicar e a necessidade ainda mais urgente de não se comunicar.

Nas palavras de Winnicott (1988b), é aceitar esse “sofisticado jogo de esconde-esconde”, constitutivo do ser humano, em que “é uma alegria estar escondido e uma tristeza nunca ser encontrado” (p. 165). É preciso tempo, espera e paciência para acolher o gesto espontâneo da criança no seu próprio tempo e ritmo. Ainda mais no caso de crianças que viveram situações por demais traumáticas, que incidiram de forma violenta no seu incipiente psiquismo.

O brincar se mostra a ferramenta por excelência para abrir caminho para a linguagem e o sujeito advirem. “O brincar sinaliza o tempo constitutivo da criança e

lança pistas de sua estruturação subjetiva. Longe de ser natural, depende de condições fundamentais” (Flesler, 2012 como citado em Silva, 2018, p.25).

A importância do brincar é sempre a precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais. É a precariedade da própria magia, magia que se origina na intimidade, num relacionamento que está sendo descoberto como digno de confiança. Para ser digno de confiança, o relacionamento é necessariamente motivado pelo amor de mãe. (Winnicott, 1975, p.71)

Apareceu no grupo com cada criança um pouco da relação com suas cuidadoras e como isso tinha relação com o brincar. Quando abruptamente eram deixados sozinhos, o brincar dava lugar à angústia. Porém, na maior parte do tempo, a partir do olhar das cuidadoras e das terapeutas, as crianças brincaram.

É ficar sozinho na presença de alguém. A criança está brincando agora com base na suposição que a pessoa que ama e que, portanto, é digna de confiança, e lhe dá segurança, está disponível e

permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida. (Winnicott, 1975, p.71)

O que fazer? Pergunta que ecoa, me bate, desacomoda, me movimenta. A caminhada até aqui foi longa e muito permeada pelo desejo, vontade de escutar e por vezes também de acolher, esse “sofrimento escanteado” para que se movimente, para multiplicar. Porém, havia muitas dúvidas (ainda há algumas) sobre como possibilitar esse espaço, que teorias, textos, autores utilizar para sustentar o meu fazer. Levin (1991) aponta um caminho de trabalho interessante:

[...] não tenho que saber o que fazer, porque se nós não sabemos o que fazer, a criança poderá fazer. A criança vem dizer-nos algo do que lhe acontece, mas para isso é necessário deixá-la brincar, falar. É nessa particular relação entre a criança que sofre e que por isso necessita um tratamento, e um terapeuta que se põe a olhar e tentar pensar o que lhe ocorre, se arma a relação transferencial, se arma o jogo clínico, se arma o olhar. (Levin, 1991, p.4)

Enquanto terapeuta, acolho o gesto espontâneo e vou ao encontro do mesmo, observo e assim segue a brincadeira. É preciso abrir espaço para a criança falar/brincar/olhar/mostrar. Agir. O grupo surge como um dispositivo possível na instituição para oferecer uma outra possibilidade. Foi possível proporcionar uma área de ilusão (Winnicott, 1975), matéria prima do viver criativo, sustentada por um setting constante e previsível, por meio da qual era permitido às crianças brincarem, trazerem o mundo para a sua área de onipotência e dominá-lo, criá-lo e recriá-lo, ao mesmo tempo em que iam tomando posse do seu corpo e psiquismo, suas sensações e movimento espontâneo.

Esse espaço foi muito desejado, investido. E para tentar de alguma forma compor fragmentos, vivências, experiências, sensações, toques, suspiros, angústias, alegrias, arrepios, muitas palavras e choro, nasce o texto. Tentativa de simbolização. Elaboração. Relato de

experiência composto de narrativas, relatos clínicos e pinceladas teóricas.

Tornar pública essa experiência é e sempre será um desafio. Traz muitas satisfações, pelo seu caráter criativo: evita que o material fique inconsciente para sempre, faz nascer, lembrando que não se nasce sozinho. Por outro lado, traz também muito sofrimento, já que a matéria bruta com a qual trabalha o analista é o inconsciente que provoca muitas resistências internas e externas; São fragmentos de memórias, lembranças que registraram intensas vivências emocionais no trabalho clínico, difíceis de serem traduzidas e ainda mais de serem publicadas. (Caron & Lopes, 2014, p.52)

Mais do que tentar interpretar e analisar o que cada criança transmitiu e vivenciou no grupo, o objetivo era permitir sua livre expressão e proporcionar caminhos criativos para sua constituição psíquica. Olhar. Foi um desafiador e enriquecedor exercício de escutas sucessivas, em diferentes níveis, do material mais primitivo ao mais elaborado, que as crianças

comunicavam nas entrelinhas, por meio dos seus gestos e do brincar, no corpo, na transferência.

Todo esse trabalho de investigação psicanalítica surge a partir de uma curiosidade sobre a primeira infância e de um desejo de seguir aprendendo com esses pequenos pacientes silenciosos sobre a desafiadora arte da psicanálise, especialmente em se tratando de crianças cujo início foi marcado por descontinuidades traumáticas nas suas relações.

Fazer essa travessia com as crianças foi transformador. Parafraseando a psicanalista Edna Vilete (Vilete, 2013), é grande a alegria de tornar-se um “abrigo de emoções” que se relacionam com as verdades inconscientes mais íntimas, as quais foram traduzidas, transformadas e compartilhadas nas narrativas aqui contadas. Esse trabalho criativo certamente oportunizou às terapeutas e às crianças integrar experiências novas, expandir nossos mundos internos, com vivências e sensações intensas e primitivas de felicidade, de estar

vivo, em contato direto com a própria verdade
inconsciente.

Seguimos

Referências:

- Caron, N. A., & Lopes, R. C. S. (2014). *Aprendendo com as mães e os bebês sobre a natureza humana e a técnica analítica*. Porto Alegre: Dublinense.
- Dunker, C., & Thebas, C. (2019). Cuidado ou controle? In: C. Dunker. *Palhaço e o psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas* (pp. 129-132). São Paulo: Planeta do Brasil
- Fonseca, R. L. S., & Kelly, R. E. O. G. (2016). *Acolhimento Institucional: dos caminhos da história ao relato de experiência de atendimento de crianças e adolescentes na construção e perspectiva da autonomia*. Acolhimento em rede. Recuperado de: <http://acolhimentoemrede.org.br/site/wp-content/uploads/2016/08/ArtigoRenato.pdf>
- Instituto Fazendo História. (2016) *Serviços de acolhimento no Brasil* [site] Recuperado de: <https://www.fazendohistoria.org.br/servicos-de-acolhimento-no-brasil>.
- Levin, E. (1991). *O sujeito na prática Psicomotora: Uma nova leitura clínica*. Curso de Psicomotricidade. Sociedade Brasileira de psicomotricidade (pp. 3-30).

- Santos, E. S. (2011). Apontamentos sobre as angústias impensáveis em Winnicott. *Revista de Filosofia Aurora*, 22 (33), 475-492.
- Steiger, J. O. (2019). *Entreatas com o acolhimento institucional: cartografando brechas de um cuidado performático* (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Silva, E. X. L. (2018). *Sobre nó(s): na trama entre psicanálise e narrativa ficcional* (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Vilete, E. (2013) *Sobre a arte da psicanálise*. São Paulo: Editora Ideias e Letras.
- Viola, D. T. D., & Vorcaro, A. M. R. (2009). A formulação do objeto a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 9(3), 867-903.
- Winnicott, D.W. (1975). *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D.W. (1977). Por que as crianças brincam. In D.W. Winnicott. *A criança e seu mundo*. (A. Cabral, trad., pp. 161-165).

Winnicott, D.W. (1988a). A dependência nos cuidados infantis. In D.W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (J.L. Camargo, trad., pp. 73-78). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1970).

Winnicott, D.W. (1988b). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In D.W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação* (I.C.S. Ortiz, trad., pp. 163-174). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1963).

Winnicott, D. W. (1988c). Comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (J.L. Camargo, trad., pp. 79-92). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1968).

Winnicott, D. W. (1994). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: D. W. Winnicott. *Explorações Psicanalíticas* (J.O.A. Abreu, trad., pp. 195-202). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1969)

